SÃO PAULO, 18 DE JUNHO DE 1949

Arquivo "EDGARD LEUENROTH"
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
UNICAMP
GL/23 n/75

ANO 32 — NUM. 23 (Nova fase)

A PLEBE

Unam-se os povos através das fronteiras artificiais — e nunca mais haverá guerras.

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO (Avulso: Cr$ 3.50 — Assinatura: Cr$ 30,00 Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

FRUTOS DA SOCIEDADE PRESENTE

Os jornais, diariamente, relatam coisas espantosas: crimes inominaveis, assassinios crueis, assaltos audaciosos e sanguinarios, tragedias horripilantes ocorridos nesta cidade de São Paulo, que deixam uma impressão dolorosa em todos que deles tomam conhecimento e o receio que a todos ocorre de poderem ser vitimas de qualquer encontro infeliz, de qualquer desgraça imprevista, de qualquer assalto inopinado e traiçoeiro.

E qual o motivo deste recrudescimento de violencias sem nome, de atos tão ignobeis, de gestos e ações tão violentos e reprovaveis? Procuremos dar uma explicação para fenomeno tão impressionante, para situação tão perigosa e dolorosa.

Com a guerra ultima, São Paulo e outras cidades e centros brasileiros, incrementaram o desenvolvimento de suas industrias, abrindo novas fabricas e oficinas, criando a produção de muitos objetos que delxaram de nos chegar do estrangeiro. Além disso, as fabricas começaram a produzir com o tempo integral, dia e noite, ininterruptamente, em três turnos de 8 horas cada um. Isto deu motivo a grande necessidade de braços, que aqui acudiram, abandonando a roça, o interior, o sertão, atraidos pelos altos salarios e fugindo à vida do campo, onde arrastam um viver cheio de dificuldades, sem conforto e fartura, ganhando uma ridicularia que pera nada chega, ante a carestia assustadora de todas as utilidades domesticas e de trabalho.

Entre tantos elementos para aqui atraidos, pela abundancia de serviço, de todos os pontos do Brasil, uma grande parte era constituida de individuos de costumes primitivos, rudes, sem instrução de especie alguma, alheios à disciplina citadina, acostumados à vida livre do campo, sêres incapazes para vida fechada em fabricas, obrigados a horario certo, escutando não o cantar dos passaros ou o cantar popular da roça, mas o ruido ensurdecedor das maquinas no seu rodar implacavel e constante.

Depois, arranjar trabalho era facil, mas não havia onde morar, a comida e a hospedagem em pensão atingiram preços fabulosos, para os quais os salarios eram verdadeiramente insuficientes.

Acresce que o espetaculo da guerra com suas matanças, violencias e destruições sistematicas não era de molde a inspirar sentimentos de cordura, de bondade e de respeito mutuo. As brutalidades do futebol, as cenas de assalto e de banditismo do cinema, a vida aspera e agressiva de todos contra todos atrás do ganho, do lucro facil, do dinheiro que tudo vence, ajudaram a criar uma atmosfera irrespiravel e venenosa em que o crime campeia irrefreavel, em que a violencia é que decide todas as diferenças e contendas, em que a falta de meios adquiridos por um trabalho diario, sistematico e honesto e util é suprida pelo conto do vigario, pelo assalto à mão armada, levando ao assassinio, quando a vitima resiste e procura defender-se; e as carícias do amor se transformam em ataques repentinos às vitimas indefesas, criaturas que passam desculdadas dos perigos que as espreitam, sacrificadas aos instintos brutais e animalescos de seres degenerados e perigosos.

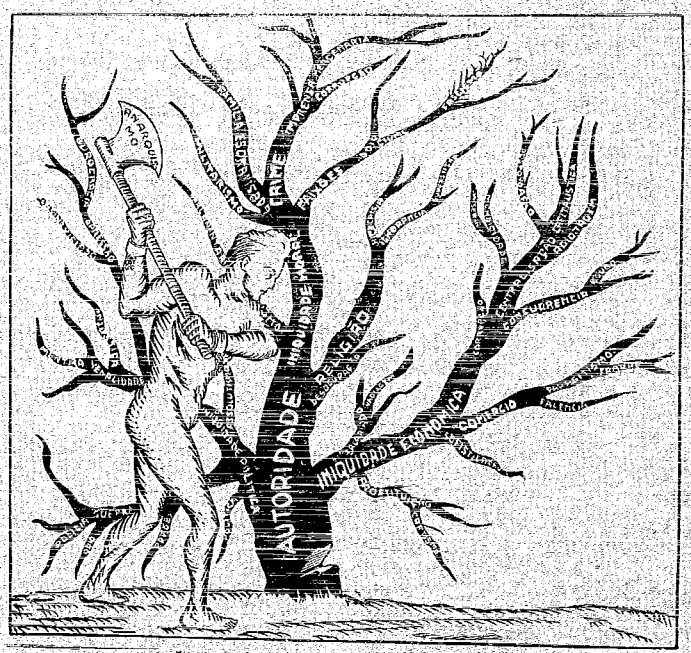
Mas tudo isto é proprio dum regime burguês e capitalistico. Numa sociedade de desiguais, em que uns têm tudo e outros não têm nada, em que a instrução, a higiene, o conforto e o bem-estar constituem privilegio de meia duzia de figurões, enquanto as multidões vivem ao desamparo, esquecidas, oprimidas, escravizadas, sem conforto, sem moradia, sem a robustez e a saude necessarias ao trabalho rude e produtivo, um régime assim, uma sociedade dessas, uma vida tragica, miseravel e desditosa como a atual, não pode dar senão frutos mirrados, carcomidos e degradantes como os que os jornais denunciam às duzias diariamente.

Se tudo fosse de ioios, se não houvesse teu nem meu, se a riqueza social fosse acessivel a todos, servisse de conforto e bem-estar e manutenção de todos; se a terra e os instrumentos de trabalho, as fabricas, as oficinas, as ferramentas fossem de todos e para todos, sem privilegios nem diferenças de qualquer especie, se o calçado, o vestuario, a escola, a educação e a instrução estivessem ao alcance de todos os seres, de maneira a todos terem direitos e obrigações definidas, todos trabalhando e todos gozando dos produtos desse trabalho em igualdade de condições, produzindo conforme as suas forças e auferindo conforme as suas necessidades mais imediatas, os crimes, as guerras, as violencias, as imoralidades tenderiam a desaparecer rapidamente e quase só em caso de loucura se observaria a pratica dum ato menos normal.

Quem pensa, porém, em tal regime? Infelizmente só nós, os anarquistas; e é por isso que as coisas irão sempre de mal a pior.

Mas chegará o dia em que o anarquismo vencerá, proporcionando bem-estar e liberdade para todos.

A. de P.



A arvore do mal que é preciso cortar pela raiz

QUAL E' A NOSSA ATITUDE

O anarquista não quer fazer escada do seu companheiro de desventura, não procura melhorar sua posição tornando-se instrumento da cobiça do capitalista, não se presta aos desejos do patrão, não se humilha diante dele, não pactua com o bandido seu e da sua classe. Não aspira a viver acima, enquanto todos sofrem; não sonha a sua causa, da dos seus companheiros, não reconhece diferença de raça ou de nacionalidade; não se ilude imaginando poder arrancar ao capitalista concessões valiosas e duradouras, não pensa exclusivamente ao seu interesse momentaneo, mas remonta à causa dos seus males e contra ela se insurge. O anarquico pede para os outros o mesmo que para si: recusa servir de rufião aos patrões; revolta-se contra todas as instituições presentes porque todas sancionam a antipotencia dos ricos; não vota, para não consentir na sua escravidão e para não se deixar encantar pelas costumadas mariolas, não confia nas mentirosas promessas dos governantes, não bate palmas ao burguês que toma, para o subjugar, ora a força, ora a lisonja, ora ambas; não responde ao ouro não se vende, porque foi ou quem a existencia das prostituidas da terra. As tuas vinganças não me aterrorizam, porque a vida que me deixas é uma continua agonia. O teu poder está condenado a cair. Eu gozo combatendo-o e cada revolta minha acelera o triunfo da liberdade e da justiça.

SOLIDARIEDADE

Nada há que possa quebrar os laços naturais que unem os homens na conquista da propria vida. O instinto gregario e o habito social regulam todas as manifestações da subsistencia e progressiva evolução da especie humana. Em todas as épocas da historia observa-se como fator necessario à existencia dos seres, como condição primeira de aperfeiçoamento geral dos individuos, a auxilio recíproco, a associação, a cooperação.

Nenhuma forma estatal por mais coercitiva e absolutista que tenha sido, nenhuma seita religiosa, com suas instituições inquisitoriais; nem os preconceitos de raças, patria, castas ou familias conseguiram extinguir da mente humana o espirito associativo material, intelectual e moral.

A propria guerra, que faz medrar na sua ansia de destruição é morte, de dominio e corrupção, as mais baixas e repugnantes paixões do odio e da vingança, do assassinio e da conspiração, é a mais eloquente prova da cooperação social. Não fossem os temas de amor à patria, à bandeira, à familia, de libertação aos principios da nacionalidade, das suas crenças e afinidades coletivas, com que acobertam os chefes das fortunas as iniquidades das lutas fratricidas, de homicidio em massa, fazendo de crime virtude, e jamais teria visto a humanidade esses atos monstruosos que tão grande atraso marcam no caminho da humanização universal.

A guerra é, sem duvida, a consequação da ignorancia, da inconsciencia e da ferocidade, da sua estratificação inversa.

E' o homem a mais sociavel de todos os seres. Enquanto que as especies inferiores satisfazem-se com o apoio material indispensavel à sua propria subsistencia e o apoio moral instintivo, o homem, na sua capacidade intelectual criadora, necessita de associação mais vasta, é insubstituivel não só para a manutenção mesma, mas como corolario das suas manifestações cientificas, artisticas ou filosoficas.

O eremita é um triste, não pela insolidão fisica, mas pela incomunicabilidade dos seus sentimentos e do seu pensar.

Todo individuo, por mais pequena que seja a sua cultura, por mais exiguo que seja o horizonte dos seus conhecimentos, tente incomparavel prazer em expor aos que o cercam as suas ideias e emoções, tanto como conhecer o juizo que deles fazem os que com ele convivem.

Não só a construção das grandes cidades, com seus enormes edificios e fabricas imensas, das extensas ferrovias, que percorrem a vastidão dos continentes, cortando os vales e perfurando as montanhas, não só, enfim, toda a material edificação das nossas, mas, igualmente, a incessivel soma de conhecimentos cientificos e à incontrovertivel ordem de ensinamentos filosoficos da que a sociedade se pode servir, são produto de constante, ininterrupta, imperceptivel acumulação de todos os tempos e de todos os individuos que habitam nos mais diversos setores da atividade humana.

E' esta incontrastavel verdade, interpretada no sentido da transformação social, que pode constituir base solida dos principios eticos do regime social anarquista.

Proprio que é da especie humana como das chamadas especies inferiores, o principio instintivo de auxilio mutuo, libertario, anarquista, só poderá vingar a organização da sociedade constituida nos moldes que dele promanam.

Toda abstração pratica ou teorica, fundada nos principios contrarios aos citados, não satisfaz nos anseios naturais de felicidade.

Trinta seculos de historia o provam.

LIBERTO.

De Plebeu para Plebeu

Todo individuo, qualquer que seja a sua posição social, pode conquistar um gran regabo de cultura.

Se não podes frequentar escolas e cursos, se não te é permitido ler obras de estudo, se tens dificuldade em assimilar as obras de exposição de idéias, procura assistir a boas conferencias, le boas novelas e busca manter intimidade sem-fim com pessoas aprender sempre algo que não sabias.

As boas conferencias assistidas nos centros culturais, não politicos, as boas novelas, poderemos indicar-te [illegible] que [illegible] escolhe-las bem a tua formação progressiva.

ZUMBI

Centro de Cultura Social

Cumprindo suas finalidades, o Centro de Cultura Social promove todos os sabados reuniões culturais, realizando palestras sobre os mais variados temas, por oradores previamente inscritos. Estas reuniões são sempre encerradas com animados debates em torno dos temas versados.

Todo orador poderá inscrever-se, pois será bem aceitado pelo Centro de Cultura Social, que dará a palavra mesmo aqueles cujas ideias possam ser contrarias às do seus membros. Para tanto, é bastante que seja claro e honesto na sua exposição, permitindo o debate no fim da mesma.

*

Toda segunda-feira o Centro de Cultura Social realiza assembléias ordinarias nos seus escritos, nas quais são ventilados assuntos que digam respeito à sua vida interna.

Encadeada Ideia...

Sabe-se que a anarquia é a negação da violencia — a negação da força física empregada pelo homem contra o homem, como fator de ordem e de evolução social. E se algum conceito for encontrado nos escritos ou nos atos de algum anarquista que contrarie esta idéia, tal seria uma consequencia da educação autoritaria recebida e não desfeita completamente, uma influencia do meio ambiente, a qual nem todos conseguem sempre resistir. Contra a violencia, em muitissimos casos, não existe outro modo de defesa que não seja com a propria violencia; mas, então, a violencia não é o que se defende, e sim aquele que abusa dos outros e se defende.

ERRICO MALATESTA

O FUNDAMENTO DE JUSTIÇA DA PROPAGANDA ANARQUISTA

EXPRESSIVO EPISODIO DA OBRA DE PROSELETISMO DE HENRIQUE MALATESTA

Manuseando o livro da vida de Malatesta, escrito por Luggi Fabbri, encontramos uma interessante passagem de sua obra como lutador da liberdade. Dado o interesse do acontecido para os tempos que atravessamos, chamamos a atenção dos leitores para o transcrito que segue:

Enrique Malatesta

Creio que ainda está na memória de muitos estudiosos a conferencia realizada por Malatesta em San Giovanni, no ano de 1920. O pequeno teatro dessa cidade estava repleto, e o publico não ocultava seu desdem pela presença de numerosa patrulha sob o comando de um tenente chegado de Bolonha. Essa patrulha tinha ocupado todos os principais pontos do salão onde ia realizar-se a conferencia. Parecia até uma provocação, pois um gesto qualquer poderia precipitar uma tragedia.

Ao chegar o eloquente orador Malatesta, alguem lhe perguntou se não era caso de exigir a retirada da patrulha. — Não, respondeu Malatesta. Deixemo-los, que eu falarei a eles tambem.

Dai a pouco, o orador iniciou sua conferencia, abordando as condições de miseria em que se encontravam as familias camponesas da Italia. Sob o impulso da fome, eram recrutados, em seu seio, jovens para a guarda e para o serviço de agentes policiais.

Lembrou as mães camponesas que, naquele momento, esperavam ajuda e noticias dos filhos que tinham abandonado seus lares em busca de melhores salarios. Logo após passou a analisar a vida de outras mães operarias que viviam nos grandes centros industriais. Tambem elas teriam [illegible] seus filhos que tinham ido assistir a qualquer conferencia ou demonstração operaria. Pela sala ecoavam as palavras penetrantes do conferencista e notava-se o efeito que elas produziam nos presentes.

Os ouvintes, em silencio, sentiam-se empolgados. Mais emocionados, e até pálidos, porém, pareciam estar os guardas, pois nos seus olhos se lia claramente um sentimento novo por aqueles seres que sofriam as consequencias de uma sociedade que se baseia na exploração do homem pelo homem.

De repente, o tenente, com um gesto, mandou que a patrulha se retirasse do salão da conferencia. O tenente se havia assustado com a impressão produzida nos seus homens pelas palavras eloquentes de Malatesta. E achou melhor e mais prudente que os guardas ficassem fora da sala e a conferencia prosseguisse sem a vigia de seus homens.

FESTIVAIS DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL

No dia 30 de abril ultimo o Centro de Cultura Social realizou a sua tradicional reunião artistica, no salão do Gremio Dramatico Hispano Americano, abrilhantada com a representação da interessante peça de Hermini Fornari intitulada "Nada", levada à cena pelo grupo Teatro Social. O Publico numeroso acorreu a esse festival, manifestando real agrado pela representação da peça, cujo desempenho bem compensou o esforço e dedicação que os amadores do grupo votam ao seu aprimoramento artistico. A festa foi encerrada com um ato de variedades, que constou de numeros de canto e declamação.

*

— O Grupo Teatro Social empenhasse no ensaio e preparativos para o proximo espetaculo no mês de julho. Este espetaculo, por certo, reserva grandes surpresas. Trata-se da representação, pela segunda vez, da magistral peça do teatrologo libertario uruguaio Florencio Sanches, que tem por titulo "Os Mortos". Todo [illegible] tos, desta vez, a superarem-se a si mesmos, apresentando um espetaculo para agradar à assistencia. Esta reunião artistica terá lugar nos salões do Luso Brasileiro, à rua da Graça, 608.

Programa Anarquista

VIAS E MEIOS

Expusemos até aqui qual o fim que queremos alcançar, o ideal porque lutamos. Não basta, porém, desejar uma coisa; se se quer obtê-la, é preciso empregar os meios adaptados à sua realização. E esses meios não podem ser tomados ao acaso: devem derivar, necessariamente, dos fins que se propõem e das circunstancias nas quais se luta. Enganando-nos na escolha dos meios, não se atinge o fim colimado, mas afastamo-nos dele — para realidades muitas vezes opostas, e que são a consequencia natural e necessaria dos métodos que se emprega. Quem se põe em marcha e se engana no caminho, não vai onde quer, mas onde o leva o caminho que tomou.

Devemos, portanto, dizer quais são os meios que, em nossa opinião, conduzem ao nosso ideal, e que entendemos empregar.

O nosso ideal não é daqueles cuja plena realização depende do individuo considerado isoladamente. Trata-se de mudar a maneira de viver em sociedade; de estabelecer entre os homens as relações de amor e de solidariedade; de realizar a plenitude do desenvolvimento material, moral e intelectual. E isto — não para um individuo isolado — não para os membros duma certa classe ou dum certo partido — mas para todos os seres humanos. Esta transformação não é uma medida que se possa decretar e impor pela força, mas deve surgir da consciencia esclarecida de cada um, para entrar na ordem dos fatos pelo livre consentimento de todos.

A nossa primeira tarefa deve, portanto, consistir em convencer as pessoas.

E' preciso que chamemos a atenção dos homens para os males de que eles sofrem e para a possibilidade de fazê-los desaparecer. E' necessario suscitar em todos as simpatias pelos sofrimentos alheios e o vivo desejo do bem de todos.

Aos que têm fome e frio, mostraremos que seria possivel, suprimindo os lucros e a guerra, assegurar a todos a satisfação das necessidades materiais. Ao que é oprimido e desprezado, diremos como se pode viver felizmente em uma sociedade de livres e de iguais. A quem é atormentado pelo odio e pelo rancor, indicaremos o caminho para alcançar o amor dos seus semelhantes, a paz e a alegria do coração.

E quando tivermos conseguido espalhar na mente dos homens o sentimento de revolta contra os males injustos e evitaveis de que se sofre na sociedade atual; quando tivermos sabido fazer compreender quais são as causas desses males e como depende da vontade humana eliminá-los; quando tivermos inspirado a muitos o desejo vivo e apaixonado de transformar a sociedade para o bem de todos — então os convictos, por seu impulso proprio e pela persuasão dos que os precederam na convicção, unir-se-ão e quererão — e poderão realizar o ideal comum.

Seria absurdo — seria contraditorio a nosso fim — querer impor a liberdade — o amor entre os homens, o desenvolvimento integral de todas as faculdades humanas — por meio da força. E' preciso, portanto, contar com a livre vontade dos outros e a unica coisa que possamos fazer é provocar a formação e a manifestação desta vontade. Mas seria quase igualmente absurdo admitir que os que não pensam como nós possam justamente impedir-nos de realizar a nossa vontade, dado o caso de que esta não os prive do direito a uma liberdade igual.

Portanto, liberdade para todos de propagar e de experimentar suas próprias idéias — sem outros limites que aqueles que resultem naturalmente de igual liberdade para todos!

*

A esta experiencia, porém, opõem-se — pela inercia e pela força brutal — os beneficiarios dos privilegios atuais. Eles dominam e regulam toda a vida social presente.

Eles têm em mãos o monopolio dos meios de produção e assim são excluidas materialmente, não sómente a possibilidade de procurar novas formas de convivencia social, mas tambem o simples direito à vida. Os que nada possuem devem deixar-se explorar e oprimir, se não querem morrer de fome.

Os privilegiados têm policias, magistraturas, exercitos, cuja missão é defender seus privilegios; tudo está preparado para perseguir, encarcerar, massacrar caso necessario, os que queiram abolir o monopolio, os que reclamam os meios de viver e a liberdade para todos!

Ciosos de seus interesses presentes e imediatos, corrompidos pelo espirito de dominio, temerosos ante o porvir — os privilegiados são incapazes de um impulso generoso, ou mesmo de uma concepção um pouco larga de seus interesses. Seria loucura esperar que eles renunciem voluntariamente ao poder e à propriedade, contentando-se em serem iguais aos que têm hoje em sujeição.

A experiencia historica nos demonstra que nunca uma classe se despojou, no todo ou em parte, de seus privilegios; que nunca o governo abandonou o poder sem a isso ser obrigado pela força ou pelo medo da força. Mas deixemos isso! Os fatos contemporaneos bastam a convencer o mais ingenuo que os governantes e os burgueses entendem usar da força material para a sua defesa, não somente em face da expropriação total, mas diante das menores reivindicações populares — e que estão sempre preparados a recorrer às perseguições mais atrozes, aos massacres mais sangrentos. Aos povos que queiram emancipar-se, não resta senão uma saida: opor a violencia à violencia.

Do exposto resulta que devemos trabalhar para despertar nos oprimidos o vivo desejo duma transformação radical da sociedade e mostrar-lhes que unindo-se, terão a força para vencer. Que devemos ao mesmo tempo propagar nosso ideal e preparar as forças necessarias para quebrar o jugo inimigo e para que seja organizado o mundo novo. Quando tivermos a força, deveremos, aproveitando das circunstancias favoraveis que se produzirão, ou provocando-as nós mesmos, fazer a renovação social, quer dizer: acabar com os privilegios; socializar a terra e as moradias; pôr em comum os meios de subsistencia e de produção e impedir que novos potentados venham impor sua vontade e opor-se à reorganização social como obra direta dos interessados.

Tudo isto, porém, é menos simples do que parece à primeira vista. Nós temos que tratar com os homens tais quais eles são na atual sociedade, nas condições morais e materiais mais desfavoraveis e enganar-nos-iamos se pensássemos que a propaganda somente bastasse para erguê-los ao nivel de desenvolvimento pessoal necessario à realização do nosso ideal.

Entre o homem e o meio exerce-se uma ação reciproca. Os homens fazem a sociedade tal como ela é; a sociedade faz os homens tais quais eles são. Daí resulta uma especie de circulo vicioso. Para transformar a sociedade, é preciso transformar os homens, e para transformar os homens é preciso transformar a sociedade.

A miséria embrutece o homem e, para destruir a miséria, é preciso que os homens tenham consciencia e vontade. A escravidão ensina os homens a ser servis, e para se libertar da escravidão é preciso homens que aspirem à liberdade. A ignorancia faz com que os homens não conheçam as causas de seus males e não saibam dar-lhes remédio; e, para destruir a ignorancia, seria preciso que os homens tivessem o tempo e os meios de se instruir.

Como sair deste impasse?

Felizmente, a sociedade atual não foi formada pela clara vontade duma classe dominante organizadora, que tivesse sabido reduzir todos os dominados ao estado de instrumentos passivos e inconscientes de seus interesses. A sociedade atual é o resultado de lutas intestinas, de fatores naturais e humanos agindo ao acaso, sem direção consciente; e, finalmente, não há divisão nitida, absoluta, entre individuos, nem entre classes.

As variedades das condições naturais são infinitas; infinitos os graus do desenvolvimento moral e intelectual. O reino da especialização, da adaptação e da resignação não é universal. E' mesmo muito raro que o lugar de cada um na sociedade corresponda às suas faculdades e às suas aspirações. Não há casta estavel; sem cessar os homens caem em condições inferiores às que pertenciam, e outros, por circunstancias particularmente favoraveis, conseguem elevar-se acima do nivel onde nasceram. Uma parte notavel do proletariado já chegou a sair do estado de miséria absoluta, embrutecedora, ou nunca a ela pôde ser reduzido. Nenhum trabalhador, ou quase nenhum, se encontra num estado de inconsciencia completa, de aquiescencia total às condições que lhe oferecem os patrões. E as instituições mesmas, que são os produtos da historia, contêm contradições organicas que são como germens de morte, cujo desenvolvimento provoca a dissolução da estrutura social e a necessidade da sua transformação.

Por isso, a possibilidade do progresso existe. Não, porém, a possibilidade de levar, por meio sómente da propaganda, todos os homens ao nivel necessario para que possamos estabelecer a ANARQUIA — sem uma transformação gradual, preliminar do meio.

O progresso deve caminhar paralelo e simultaneamente entre os individuos e o meio social. Devemos aproveitar todos os meios, todas as possibilidades, todas as ocasiões que se nos oferece o meio atual, para agir sobre os homens, desenvolver sua consciencia e suas aspirações. Devemos utilizar todos os progressos realizados na consciencia dos homens, para os levar a reclamar e impor as maiores transformações sociais atualmente possiveis — ou as que servirão melhor para abrir caminho aos progressos ulteriores.

Não devemos esperar poder instaurar a Anarquia, e, até lá, limitar-nos à propaganda pura e simples. Se nada mais fizermos, bem depressa teremos esgotado o nosso terreno de prospecção. Teremos convencido, sem duvida, todos aqueles que as circunstancias do meio atual têm inclinado para nós, tornando-os susceptiveis de compreender e de aceitar as nossas idéias. Uma vez, porém, convencidos esses convertidos, a nossa propaganda tornar-se-á estéril. E, mesmo que as transformações do meio elevem novas camadas populares à possibilidade de conceber idéias novas — nossas idéias cessarão de ser um pólo de atração, uma força de realidade, ainda que o movimento social se produza sem nossa intervenção pratica.

Devemos lutar para que o povo — em sua totalidade e em suas diversas frações — reclame, imponha e realize por si mesmo, todas as melhorias, todas as liberdades que deseje, à medida que lhes sinta a necessidade e que adquira a força para delas se apoderar. Assim, propagando sempre o nosso programa integral e lutando sem cessar por sua realização completa — devemos incitar o povo a reivindicar e a conquistar sempre melhoras, cada vez mais, até que chegue à sua emancipação definitiva.

Assim é o Mundo!

— Passeando uma tarde pelo campo encontrei um velhinho curvado sobre a negra terra.

— Que fazes, amigo? perguntei-lhe.

— Senhor, arranco batatas.

— Ah! E como as vende?

— Não as vendo, replicou.

— Mas, que fazes delas então?

— Como o senhor vê, estou fazendo quatro montes: as mais belas, as que formam o monte maior, são para pagar os impostos do governo, porque sem governo ninguem poderia viver, e até as proprias batatas talvez não crescessem.

O segundo vai para o usurario em pagamento de venda da terra, da semente e ferramentas.

O terceiro é do padre que tanto se empenha em guiar-me ao céu; do exercito que mantém tão limpa a honra nacional, e da policia, tão vigilante para que os ladrões não roubem o que devo dar ao governo, ao usurario, ao exercito e à propria policia.

O quarto, este das batatas ruins e miudas, é dos porcos.

Essas, que de tão ordinarias não as querem nem os porcos, como-as eu.

Passo assim a vida, contente, trabalhando para o governo, o usurario, o vigario, o exercito e para os porcos.

— Mas, homem, que fazes dos porcos? perguntei-lhe curioso.

— Os porcos, senhor, são para pagar os fretes, são para as companhias de estradas de ferro, a fim de que levem as batatas ao governo, ao clero, à policia e ao usurario... Que se há-de fazer? Assim é o mundo!

THEODORO IBANEZ

A historia diz que a propriedade territorial foi criada, não com a idéia de garantir a posse da terra, mas o açambarcamento do solo, comum a todos, pelos conquistadores.

LEÃO TOLSTOI

"Trapo Azul"

de ROMEU CORREIA

Romeu Correia é um escritor ainda bastante jovem. Pertence à nova geração dos escritores portugueses. Não obstante, sua obra já reflete uma capacidade invulgar de literato, artista desses para os quais não existem fronteiras. Despido de todo artificio, apresenta suas personagens tais como deveriam ser na vida real, vivendo o seu ambiente, com suas virtudes e seus vicios, sentindo as suas alegrias e sofrendo as suas dores, com a suas cantigas proprias e suas lamentações, amando e odiando. Os quadros que pinta são reais, cheios de vida, denotando um conhecimento seguro, uma vivencia do ambiente que descreve.

"Trapo Azul" — o seu romance que ora tenho às mãos — nos conta, na forma autobiografica, a vida de uma costureira, nascida em terra de pescadores, filha de um guarda-fiscal abrutalhado, que espanca a esposa e é o terror dos filhos, que se embriaga frequentemente e se lamenta da familia dizendo-a causa de suas desgraças, que se torna "obsequioso" entre os "amigos", deixando a familia sem recursos, passando a pão e café e que, por fim, quer ter na filha o elemento economico onde se apoiar para continuar com as miserias que o acompanharam a vida inteira. No romance, tudo decorre naturalmente, sem cenas forçadas, sem heroismos cavalheirescos, sem pomposidades.

O brincar das crianças, as crenças e tradições do populacho, as vicissitudes por que passam, a mudança de ambiente — dos pescadores de Sesimbra ao das costureiras de Almada, que mourejam sobre um trabalho sempre mal pago pelas empreiteiras que mendigam aos fanqueiros de Lisboa o serviço — tudo é descrito com graça caracteristica, com vivacidade.

Suas personagens são todas humildes, cançadas de sofrimentos, descontentes, mas que têm tambem alguns momentos de alegria.

Laurinda, a personagem central, instigada pela irmã a abandonarem a casa paterna para fugirem aos sofrimentos, vai ter com o irmão que trabalha de caixeiro em Almada, a fim de propor-lhe para viverem juntos os três, sendo que as duas trabalharão na costura. Aí encontra o autor o motivo do seu romance entre as costureiras de Almada. Descreve com grande propriedade a vida daquelas pobres mulheres costurando roupas de ganga azul para operarios, cheias de sonhos com melhores dias, vendo em tão pouco a felicidade, porém tão raramente, e tendo a cada passo uma desilusão. Querer dar uma idéia mais completa dessa obra, seria ter que transportá-la para aqui, tão cheia de matizes ela é.

Representa, sem duvida, um grito de revolta contra as infamias do regime capitalista, mais ainda, um grito de revolta contra o esse regime que força o pobre trabalhador ao embrutecimento, tornando a vida do seu "lar" um martirio; que força o pobre Daniel a roubar para a familia, e depois o encarcera; que obriga o pobre Zé a trabalhar em dois turnos, apesar da pouca saude, pondo-o a morrer tuberculoso, levando a familia ao desespero; que faz com que as pobres moças que definham no trabalho sintam inveja das prostitutas, pois, pelo menos, têm elas uma roupa apresentavel para sair; que permite ao sobrinho do fanqueiro, pela sua condição patronal, abusar da pobre costureira que vai em busca de trabalho, para, depois, diante da sua dor, dizer-lhe cinicamente: "Leva quatrocentos mil réis: trezentos da obra, da costura, cem para a parteira." E' um grito de revolta que reclama a revolução social, grito que não tardará em ser lançado pelo povo português, rompendo as cadeias do [illegible] regime salazarista.

Romeu Correia afirma-se como um escritor do povo, um idealista escrevendo obra neo-realista, um artista cujo roteiro estético "Trapo Azul" bem define. Não hesitará, por certo, em continuar nesse roteiro para maior engrandecimento das letras portuguesas, o que, naturalmente, contribuirá para dissipar as nuvens negras que torturam, cinzento, o céu peninsular, dando lugar ao sol de um novo abril, tornando a verdejar e a florir os campos e dando uma vida nova a todo o povo português: a Liberdade!

LUCHIEL

O POVO TRABALHADOR em face das disputas entre os imperialismos dominantes

Vivendo em um país onde a burguesia, o capitalismo e a religião cristã dominam, por assim dizer, imperialmente, nós estamos muito à vontade para assinalar os males que resultam da ordem imperante, em confronto com as poucas e superficiais vantagens que nos é permitido considerar civis. E misturando a hipocrisia, o cinismo e a velhacaria das instituições políticas que dominam o mundo, certos elementos do mais alto e não raro influencia decisiva empregam toda a sua eloquência para solicitar ao povo energia, vontade e força, com o propósito de firmar o braço das fanfarras que dirigem a nave dos destinos humanos para o abismo e a destruição de uma terceira guerra mundial.

Por exemplo, quase servindo de ilustração ao Pacto do Atlantico, assinado há pouco tempo em Washington, ali esteve antes, durante alguns dias, o sr. Winston Churchill, que é uma das pessoas capazes do nosso século. O escandal Langer o define:

"...and an enigma wrapped in riddle; he is a cold blooded foreign propagandist wrapped in a bag of aristocratic wind inside a worldwide graveyard which he helped to create and in which he feels so thoroughly at home (that may be why it all over again and get us into one more big war). ("Time" 11-IV).

Churchill, o mercador de canhões, os soldadas de profissão, os padres, os patriotas profissionais, todos quantos (em um interesse constituído, ou a miragem de um privilegio a conquistar) se agitam abertamente pela guerra e se apressam a provocá-la. E não obstante o mundo constituir, hoje, um imenso cemitério, como disse o escritor norte-americano Langer, as arengas dos provocadores de guerras obtêm tanto sucesso, que não é permitido reagir, tentando fazer da razão um dique à fúria guerreira, sem que se seja automaticamente acusado como traidores da patria, da democracia e da propria civilização, ou, então, incluidos entre os agentes de espionagem do Kremlin, que não pode ser outro senão o bloco oriental da União Sovietica e os seus satelites!

E contra esses insanos, acusados de querer a subversão da ordem latente, a subversão de todas as ordens jurídicas e religiosas do mundo civilizado, a supressão das liberdades e a restauração do absolutismo estatal, os mobilizam todos os preconceitos sociais, o medo, as paixões politicas e religiosas, os interesses criados de uma grande parte do genero humano.

Nem os ocidentais nem os orientais estão dispostos a admitir que as suas rivalidades sejam determinadas, acima de tudo, pela cupidez imperialista das conquistas territoriais. Os ocidentais dizem que defendem a Civilização cristã, os orientais sustentam que pretendem estabelecer o socialismo entre os trabalhadores de todo mundo. Se fossem estes efetivamente os termos do conflito, os ocidentais reunidos em torno do bloco anglo-americano estariam irremediavelmente perdidos, apesar das enormes reservas de riqueza do novo continente e apesar mesmo da bomba atomica, porque, dispostos a deflagrar uma terceira guerra mundial, sòmente para defender a civilização cristã, não há na Europa senão os padres, os capitalistas e os militaristas profissionais — isto é, uma pequena minoria privilegiada e parasitaria, apenas suficiente para arregimentar os serviços de polícia do estado — enquanto que a maioria das multidões, escravizadas que trabalha e produz anseia efetivamente pela socialização dos meios de produção e consumo, com base numa ordem de coisas onde a justiça e a liberdade imperem. E se alistarão de fato, com todas as forças de coação, nos braços da Russia bolchevista, se não houvesse mil e uma razões para desconfiar das suas promessas e temer o seu dominio.

Se é verdade que a organização politica e economica da União Soviética se tem consolidado, nestes ultimos trinta anos de dominação bolchevista, sob as bases de uma revolução popular que, derrotando a arrancada reacionária, havia inspirado e tinha como finalidade a realização do socialismo, isto é, um regime de liberdade e justiça, é igualmente verdade que o partido bolchevista se apoderou e assegurou o monopolio exclusivo do poder extinto eliminando, uma após outra, com inaudita violencia sistematica e bestial, todas as tendencias que tinham participado no preparo, na luta, e na vitoria da revolução, sufocando no sangue das execuções sumarias ou no fundo tenebroso das suas prisões todos os nucleos de liberdade e todas as vozes discordantes. Da promessa do socialismo serviu-se, o partido bolchevista, para instaurar, na Russia, um regime de absolutismo estatal, no qual o governo é senhor incontrolavel da vida, do suor e do destino de duzentos milhões de súditos reduzidos a um estado de verdadeira escravidão.

Os desgraçados e os optimistas do ocidente estão já bastante mal sob o dominio da burguesia capitalista, que consente, todavia, na possibilidade de se criticar e atacar contra os seus desmandos e contra as suas injustiças, para desejarem substituir esse dominio pelo quanto de ciumaria do totalitarismo sovietico; e se não estão dispostos a sacrificar-se pelas causas feridas da plutocracia, pela ilusão da democracia burguesa ou pela gloria da "civilização cristã", estão menos dispostos a lançar-se na barafunda das mistificações stalinistas.

*

Vem agora a proposito falar das sucessivas e mui quiméricas atitudes dos bolchevistas, desde os primordios da revolução, surgida da vontade que tinha o povo russo de emancipar-se do czarismo feudal, até a restauração do Estado em sua forma primitiva, que é a forma governante, soberana, patrão, arbitro absoluto de todas as manifestações da vida individual e coletiva.

Não há apostasia ou deserção que os falsos profetas do movimento socialista internacional não tenham consumado e justificado em nome da necessidade, da utilidade, da estrategia, do partido, com o propósito de transformar uma revolução de caráter social no monstro de tirania que é o estado bolchevista. Em poucas palavras, os socialistas que subiram ao poder na Russia, fizeram da ocorrencia um papanho de lama. Substituiram o ideal socialista pelo programa do partido; e o programa do partido consiste em impor ao povo russo e aos povos dos países satelites a vontade dinatorial dos seus chefes. O ideal de emancipação dos trabalhadores de todo mundo foi substituido pela opressão do governo de classe e a esperança capitalista foi substituida pelo interesse e a cupidez do Estado russo, do qual são senhores absolutos. Mas o circulo de ferro não é tão hermetico e fechado que não deixe passar vagas noticias sobre o que se está passando no chamado paraiso soviético.

Em menos de quatro anos do fim da segunda guerra mundial, o prestigio dos bolchevistas russos e o dos comunistas que em qualquer outra parte do mundo os seguem em direção à politica totalitaria, tem sido profundamente abalado, ao ponto de se duvidar só, em caso de nova guerra entre os dois blocos, os exercitos soviéticos conseguirem mobilizar, nos países ocupados pelo bloco ocidental, forças insurrecionais capazes de se lançarem às forças que os generais anglo-americanos poderiam, apesar de tudo, mobilizar nos países do bloco soviético.

Os bolchevistas e seus sequazes continuam, naturalmente, a dizer-se socialistas, comunistas, revolucionários, precursores da emancipação dos trabalhadores da exploração capitalista. Mas quem acreditia mais nas suas profissões de fé, se eles mesmos não as tomam a serio? Em qualquer parte que exercam ao poder impõem aos trabalhadores tais formas de exploração do salario, muito pior ainda que aquela que os trabalhadores são obrigados a suportar no regime capitalista; onde não tenham tido a oportunidade de tomar o poder, ou vez de se preocuparem com a emancipação das massas exploradas pelo capitalismo privado, o que fazem é procurar, por todos os meios, de subir ao poder, embora com a colaboração dos elementos mais reacionarios da burguesia, e até mesmo dos fascistas, para governar ao serviço da ordem burguesa.

E, entre dois partidos, dois blocos, dois regimes que não permitem a quem trabalha outra sorte que não seja a do suor, desprezo, miseria, violencia, de trabalhador, não ha por que escolher se um é reacionário, o outro é tirano, explorador, cinico e oportunista.

Sòmente aqueles que não perderam a fé na cumplicidade do ser humano, e na sua possibilidade de forjar o proprio destino, aqueles que têm consciencia da dignidade humana, recusam servir resignadamente aos aventureiros de um e outro lado, e procuram, juntamente com outros homens de consciencia livre e independente, o caminho da revolução social, emancipadora do homem de todas as opressões e miserias sociais.

("L'Adunata dei Refrattari")

QUADROS DA SOCIEDADE BURGUESA

Quando há lares onde os pratos conservam-se vasios, o "alta roda" vive a organizar jantares em "beneficio" dos pobres!...

Professor de Titeres

Em Santos, no Grupo Escolar Cesario Bastos, um professor, e tambem seu diretor, deu motivo por referencia, empreendimento, a discussões variadas e repercussão extensa.

Esse professor é moço recem-formado na Escola Normal, e ao ingressar como tal na carreira do magisterio, deu provas de uma atividade digna de nota.

E com tal entusiasmo e tal gosto pelo Darwinismo amarquistas, eleição de um prefeito e vereadores entre os meninos, da escola.

Dalhe, aconteceu este, como tantos outros, o arrebatamento da votação e arrebanhação dos meninos, em grupos partidarios nos velhos moldes.

Quem passou pelo Grupo Bastos, não onde está localizado o Grupo, avistará de grande movimento, pois que visto, como não vimos, um quadro negro pendurado na parede de um botaquim proximo ao edificio da escola. Nesse quadro, distintamente escrito, estava anotada a contagem dos votos obtidos pelos diversos candidatos.

Foram os candidatos agrupados em partidos, tal qual acontece com os adultos cá fora, e os ruidos atraidos estavam na desgraçada luta.

Sobrevoo, então, aos olhos entre o povo, fizeram-se vaticinios e a coisa foi até a Camara Municipal, despertando protestos contra, e por milhor o autor da coisa andou dando entrevistas, aranzinho a espada de Damocles.

Nessa interim, o diretor de Bastos, em São Paulo, resolveu acabar com essa patifaria, e o prefeitinho e os vereadorezinhos tiveram seus distintivos cassados. O professor do Grupo Escolar, não se conformando com as ordens do Estado, demitiu-se.

Fato interessante é que quase todo o mundo em Santos tomou as dores do professor e na imprensa, Camara etc. Pois, todos se levantaram contra a extinção da Camara dos Infantis.

As providencias tomadas pelo diretor foram justas, felizmente terminada em tempo.

Tinha o referido professor, o direito de tentar o que fez, as finalidades daquele foi de franca aparencia, mas o meio de levar a efeito suas horas de recreio, o sistema, o exercitamento de qualquer outra ideia, desde que nós anarquistas temos que permitir toda a liberdade de experimento, cabendo à coletividade aceitá-la ou não, claro que sem luta e sem autoridade, com o emprego apenas do discernimento.

No caso em aprêço, cabia aos pais esclarecidos uma resposta imediata: um — NÃO! — calcado nas pretensões desse professor ter sciam esfarolado. Onde está a consciencia desses pais que patauram com essa farra?

Sem filhos desentidos mal abrigados, mal vestidos, doentios, arrastando cruelmente o espinha de deficiencia de ensino, ainda from servir de palhaços e joguetes da ascensão pessoal de um professor politiqueiro, criador de titeres.

Que fizeram os pais? Não se importaram e aceitaram esse comico divertimento de infantis politiqueiros, caracterizando os barbados inocentes já com os vicios e taras do politiqueiro.

A verdade é que nesta terra estamos precisando de gerações orientadas para o trabalho util nas suas diversas modalidades. Quanto a politice nos basta o que temos, cujo numero daria bem para todos. Isto é indice de um grande tratado de parasitismo. Nosso professor que manifesta tão grandes pendores para o assunto, porque não se aventura a escrever esse tratado? Teria a colaboração dos anarquistas, tenho a certeza.

FRANCISCO DE PIJAMO

Nota da Redação

A propósito do comentario que publicamos acima, de autoria do prezado Francisco de Pijamo, desejamos aproveitar a oportunidade para manifestarmos o conceito que temos dessas iniciativas, que poderiam ser uteis, se fossem encaminhadas no sentido de incentivar nos alunos dos grupos escolares o espirito de cooperação e auto-disciplina.

Acompanhamos pela leitura dos jornais, o fato que o nosso colaborador comenta hoje nestas colunas. E se não concordamos totalmente com as impressões do professor Francisco de Milano, achamos todavia, que não devem as autoridades de ensino dos grupos escolares conduzir as iniciativas extraescolares para o terreno da politica, levando ao seio das crianças que frequentam os grupos escolares, a discordia, as paixões partidarias, viciando-as, numa idade em que deveriam cultivar sentimentos nobres, a cultivar o odio e as disputas pelo poder.

Achamos, entretanto, que todas as iniciativas tendentes a despertar nas crianças o desejo de administrar, por si mesmos, as suas coisas, que as condusam ao culto da solidariedade e à aquisição do senso de responsabilidade são uteis e devem ser desenvolvidas.

A propósito, lembramos que aqui em São Paulo há um grupo escolar em que os alunos se organizaram em cooperativa, possuem uma pequena tipografia, editam um jornalzinho, que eles mesmos dirigem e administram tendo obtido excelentes resultados.

Registrados, vales postais e cheques em nome de Edgar Leuenroth. — Caixa Postal n.º 2162.

Os Anarquistas na Revolução Russa

TENDO SIDO A VANGUARDA OPERANTE DA REVOLUÇÃO, FORAM DEPOIS TRAIÇOEIRAMENTE MASSACRADOS PELOS BOLCHEVISTAS

Ao desfolhar as paginas do livro "Ditadura e Revolução", de Luggi Fabbri, encontrei, entre tantos e tão bem tratados assuntos historicos ligados ao movimento anarquista russo em torno da revolução comunista, o seguinte trecho, que julguei util trazê-lo a publico, para que nele se espelhem os comunistas autoritarios e o analisem os anarquistas com a devida atenção:

"O coronel Thompson, da missão militar norte-americana, havendo em certo momento perguntado a Lenin porque permitia que em Moscou os anarquistas dominassem a situação, ouviu do ditador esta resposta: — Em Moscou há muitos grupos anarquistas, todos armados e decididos a fazer triunfar os seus ideais. Meu governo não está todavia em condições de combatê-los. Porém, apenas tenhamos assegurada nossa posição, saberemos livrar-nos deles.

O elemento anarquista, escreve Jacques Sadeul, de Moscou, a A Thuimas, a 9 de abril de 1918, é o mais ativo, o mais combativo de todos os grupos de oposição, e, provavelmente, o mais popular, é tambem o unico que se apoia em forças contra as baionetas bolchevistas. Parece que ganha cada vez mais terreno na cidade. Os anarquistas haviam ocupado, em Moscou, alguns palacios da aristocracia, nos quais haviam instalado a Casa da Anarquia, uma especie de cidde livre em que eles pretendiam viver de acordo com as idéias, isto é, sem governo, sem leis, sem dinheiro, com toda a independencia. Isto, porem, constituia a "desordem"; e os diplomatas e generais alemães insistiam para que, ao contrario, a "ordem" fosse estabelecida. Diziam: Moscou desses "loucos" anarquistas, ameaçando a cidade com a ocupação militar.

E o governo bolchevista, que a certo momento impôs aos anarquistas o abandono dos palacios ocupados e a submissão ao poder da "revolução", tendo recebido uma contestação negativa, na noite de 11 para 12 de abril de 1918, fez cercar os edificios ocupados pelos anarquistas com tropas armadas de metralhadoras e canhões. Impossibilitados de resistir, os anarquistas se dispersaram, tendo sido fuzilados algumas dezenas, fazendo-os passar por delinquentes comuns. Muitos outros foram encarcerados. Os bolchevistas, para justificarem o seu ato selvagem, alegavam, depois, que pretendiam "purificar a anarquia dos malfeitores que a desonravam". Mas o seu objetivo foi o de livrar-se de uma oposição que começava a preocupá-los.

*

Sadoul, contava, ainda, a seu amigo Thomas, que Trotzky, então um dos chefes do governo russo, depois de ter varrido os nidos de anarquistas, estava radiante; e que até mesmo a burguesia se sentira agradavelmente surpreendida pelo exito de semelhante operação por parte da policia. Foi esse um golpe, nota tambem Sadoul, para todos os partidos de oposição, que, depois da derrota dos anarquistas, sentiram-se em nevoso e abatidos. Porém, se a burguesia se regozijou, não foram certamente os reacionarios da oposição que sofreram as consequencias, mas somente os revolucionarios.

ROQUE GIACOMINI

CÁUSTICOS SOCIAIS

FANFARRONICES PATRIOTICAS

Dois individuos, um inglez e um alemão, (como poderiam ser de qualquer outra raça), discutiam sobre a superioridade das respectivas patrias. O norte americano fanfarrona: Na America do Norte um homem ficou sabendo ao um automovel e a grande velocidade, jogando com o braço direito assim assim. No hospital colocaram-lhe um braço artificial. Dois passados, um ano, o homem ganhou o primeiro premio num concurso de box.

— Grande isso é nada! — retrucou o alemão. Na Alemanha, um homem perdeu a cabeça e um homem os pés, ambos tendo sido cortados por um só golpe de machado. Um ano depois, não tendo sido encontrada a cabeça, o homem foi nomeado ministro.

A PLEBE

SÃO PAULO, 18 DE JUNHO DE 1949 — ANO 32 — NUM. 23 (Nova fase)

Bem nutrido o mandrião, vive a arrancar dinheiro dos papalvos para as obras que nunca terminam...

Clero e Politica

SOUZA PASSOS

Não deve nos estudiosos passar sem atenção a luta em que se empenha a Igreja no momento, visando a reconquista do poder.

Instituição de morte e de aniquilamento da personalidade humana no individuo, organismo hostil de entidades cuja razão de ser se explica na ignorancia, a Igreja não recua, não hesita diante de nenhuma ordem, por mais criminosa que seja, para manter as consciencias escravizadas de maneira que possa explorá-las, valendo-se do estado de fanatismo a que reduz a consciencia coletiva.

Quem conhece alguma coisa da historia das religiões e se habitue a confrontar os fatos, há de verificar que a Igreja nunca teve nenhuma relação nem semelhança com a doutrina de um pobre carpinteiro galileu, que dizem ter morrido numa cruzeburia, cujos primeiros atos de sua vida se caracterizaram por completa renuncia ás coisas da riqueza, por uma ação rebelde contra os dogmas, aversão ao poder e aos potentados e, sobretudo, por um conceito elevado da fraternidade universal.

A influencia do catolicismo na historia da humanidade é precisamente a antitese do cristianismo.

Ambiciosa e cruel, hipocrita e traiteira, o clero lambeu sempre os pés dos poderosos; conseguiu, bajulando, infiltrar-se nos paços dos reis e imperadores; embrutecendo as massas, tornou-se um poderoso pedestal das tiranias; fomentando e despojando as proprias vitimas, levantou monumentos cuja grandiosidade artistica se perde na obra infame de embrutecimento a que foram destinadas; outros nos claustros os mais nobres sentimentos de amor e misericordia, perdendo-os de gemidos e suspiros, de delirios febris e ecstase de histerismo.

E é esta corja de vampiros que ilustra as paginas da historia humana de sangue nobre, do sangue de muitos sabios, que aqui, no Brasil, disputa aos conceitos livres de homens como Benjamin Constant, Joaquim Nabuco, Rangel Pestana, Lopes Trovão e outros, tantos outros pensadores, vigorosos republicanos ilustres, o poder governamental, espiritual e economico deste pais.

Ai estão elas, como sempre, fazendo das igrejas pulpitos de intrigas, disputando á sociedade a mente das crianças para encerrar-lhes o cerebro na caixa plumbea dos disparates teologicos, para cadinar-lhes contra as descobertas cientificas de que é depositario o nosso seculo, que a terra não é redonda, que no centro da terra, em vez das ricas minerais acumuladas através das idades geologicas, há caldeiras de pez a ferver, onde o demonio, um ser de sua criação, fantastico e medonho, armado de um tridente que não tem a menor relação de arabiana fabrica do globo, põe as almas perdidas!

Mandados como sempre, traiçoeiros e covardes, escondem-se na sombra negra dos conventos, nos cantos dos sacristias, para ciciar nos ouvidos das beatas a intriga politica dos seus interesses, levando ao lar da familia brasileira a discordia, o esfacelamento e a miseria.

A Igreja não se conforma, certamente, com a luz do seculo, que vai abrindo, em consequencia de fatores inevitaveis de progresso, clarões de esclarecimento e de inteligencia. Não se conforma e nem se poderia conformar, porque os seus ministros, que atribuem, por conveniencia, a fatores de estupidas concepções infernais a decadencia da reinada ultramontano da estupidez e da ignorancia representado pelo clero através dos seculos sabem perfeitamente que a cultura nas massas representa o fim das suas especulações comerciais, o termo das suas ronalheiras; sabem que o povo, esmagado á sua fatalidade nefasta, liberlado pela cultura e pela sabedoria á ignorancia crassa dos seus costumeiros ignaros, se revolta contra a nhe-nhe-nhem clericalismo, de rapinagem e embrutecimento que caracteriza a [illegible] catolica apostolica e romana sobre [illegible] que só podem ficar proveitos para os seus negocios, mantendo as massas atrofiadas por uma educação que assenta as bases no aniquilamento da vontade, ou obrigando-as á obediencia pelas fogueiras da santa inquisição.

Obrigada a negar muitas vezes a irrefutavel infalibilidade dos seus dogmas, sem confiança na força das "verdades" que proclama, acaba-se a todas as formas politicas, mesmo as mais combatidas por ela. A todos os governos oferece a Igreja as suas qualidades de mistificadora de opiniões, de comerciadora de consciencias, de atrofiadora de cerebros e vontades.

Exige, apenas, e nisso ela é intransigente, que a troco da sua obra nefasta os governos a deixem continuar a impingir milagres, bulas e orações, hostias e a agua benta. Com boa, explorando um balcão de tolices, consegue transportar para os cofres da santa sé, em nome de Deus, fortunas fabulosas, acumuladas á custa das esmolas convertidas em fundos financeiros e ações de empresas gananciosas.

Essas fortunas, arrancadas á miseria do povo, são servis para que exiba a sua inutil personalidade, cabeça de pedrarias, de ouro e de brocado, em cadeirão suficientemente cheio, ou refestelosamente estufe, mettem assento em Roma e espalha pelo mundo as suas garras adunca, gregas ao serviço que presta a todos os tiranos, com sua obra de embrutecimento e de estupidez.

Não se iludam, pois, os trabalhadores, com a nova e disfarçada politica do clero que em nome de doutrinas sociais, deturpadas por conveniencia, [illegible] capitais, ao conservar intacto um egoismo.

Contra a posição do clero deve erguer-se a voz vingadora da mocidade culta, se queremos, combatidos pelos serrões afora, em vez de amanhãs sem vontade, de seres inconscientes, de seres que vegetam na passividade das inquietações misticas a olhar para o alto de nadas postos, rosario pendurado no pescoço, produto da influencia clerical, encontrar o homem vivo, o ser pensante, audaz e realizador, o homem livre e moderno, produto das concepções cientificas do dinamismo da epoca, do progresso e da civilização.

Portugal sob o terror fascista

SO' A AÇÃO REVOLUCIONARIA DOS TRABALHADORES PODERA' VENCER O SISTEMA QUE OS ESCRAVIZA

Todo o passo no caminho do progresso, todas as liberdades conseguidas pela Humanidade foram obra dos trabalhadores revolucionarios do musculo e do cerebro e custaram aos povos de todo o mundo rios de sangue, seculos de dor e sofrimento

Com os titulos acima, foi distribuido ao proletariado portuguez o seguinte manifesto, lançado pela diretoria Confederação Geral do Trabalho que, não obstante o terror fascista dominante, continua em plena atividade:

Foi o enforcamento dos anarquistas de Chicago, em 1887, — condenados á morte pela sua ação em defesa da "jornada de oito horas", — que deu lugar ás manifestações do 1º DE MAIO, data que o proletariado de todo o mundo aproveita para evocar a memória daqueles martires do odio capitalista, e ao mesmo tempo apresentar as suas novas reivindicações.

Desde que se estabeleceu a ditadura entre nós, com o proposito de esmagar todas as aspirações de bem estar e liberdade da classe trabalhadora e impedir pela catequese clerical o seu progresso cultural, foram proibidas consequentemente tais manifestações e as que, por vezes, têm sido consentidas, realizaram-se sempre destituidas do seu verdadeiro significado revolucionario.

Os homens que reduziram o povo portuguez á miseria, aumentando o numero dos tuberculosos, dos indigentes e das prostitutas, (de cuja infamante profissão ainda o Estado Novo aufere rendimentos) e que com a imposição do regime corporativo extinguiram os sindicatos, onde os trabalhadores podiam com independencia discutir os seus problemas e combinar a resistencia á exploração patronal e aos abusos do poder; esses homens evidentemente, que não permitiriam que se continuasse publicamente a evocar fatos históricos, que serviriam de incentivo á representação de novas reclamações. Confiado, o proletariado portuguez, embora com a voz estrangulada pela censura que não autoriza a publicação dos seus orgãos de classe, embora cerceado pelos salarios de fome e sugado pelos parasitas do mercado negro, que impunemente exploram e encarecem os generos mais necessarios á vida, o proletariado não desiste de manifestar o seu descontentamento contra a opressão que o esmaga.

As medidas repressivas em vez de fazerem desaparecer os males vejetantes, ainda os agravaram naturalmente, e tornaram mais firme a ideia entre os trabalhadores de que devem preocupar-se, sobretudo em atacar pelas raizes as verdadeiras causas dos seus males, ou sejam a propriedade privada e o Estado seu defensor, sob todas as suas modalidades.

E se para dia a dia resistir á tirania e agressão mais rapidamente a seu derrubamento tiver que conjugar a sua ação com a de outras correntes oposicionistas, guardando a sua autonomia e procedendo de acordo com as taticas libertarias do sindicalismo revolucionario, para conquistar a sua libertação economico social terá que contar unicamente com os seus proprios esforços congregados no seio da "Confederação Geral do Trabalho" (C.G.T.) e internacionalmente na "Associação Internacional dos Trabalhadores" (A.I.T.).

A "Federação Sindical Mundial" não pode ser utilizada para este fim, porque constituida com o apoio das classes governantes das grandes potencias, esfacelou-se com o rompimento de relações entre o Oriente e o Ocidente, e neste dilema de posições de predominio mundial entre Estados e capitalistas não tem a classe trabalhadora que tomar partido, porque num lado e do outro subsiste a escravidão do salariato — a exploração do homem pelo homem.

Mesmo nos países, como a França e Italia, onde, após a queda do fascismo tomaram conta do poder os "Frentes Populares", inclusive "comunistas", nada foi feito que beneficiasse o povo, nem para impedir que a reação estatal, capitalista e clerical, se tornasse novamente senhora da situação, como agora sucede.

Mais uma vez se verifica que a emancipação dos trabalhadores há de ser obra unica dos proprios trabalhadores!

A sessenta e dois anos após a grande tragedia, os trabalhadores revolucionarios congregados na historica CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO, sindicalista revolucionaria, que com a sua ação aguerrida soube impor ao capitalismo portuguez o respeito pela "jornada de trabalho de oito horas", fazendo sua a justa e humanitaria ideia dos trabalhadores anarquistas assassinados pela plutocracia norte-americana, saudam os trabalhadores manuais e intelectuais de todo o pais e inelta-os a paralisarem as suas atividades produtivas no proximo 1º DE MAIO como nome-nagem, sempre merecida, aos que tão heroica e dignamente souberam morrer pelos direitos e bem estar dos trabalhadores e como protesto contra a situação politica que mantem o país sob o regime da mais infame das ditaduras.

Pela liberdade de todos os presos anti-fascistas!

Pela supressão do campo de concentração do Tarrafal!

Pela organização sindical livre!

Por uma instrucção cratuita, liberta da nefasta tutela da Igreja!

Pela liberdade de pensamento, de reunião e de imprensa para todas as correntes politicas e sociais!

Um PRIMEIRO DE MAIO de reivindicação revolucionaria!

Portugal, Abril de 1949.

O COMITE CONFEDERAL DA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

Bombardeio da Era Atomica

O presidente foi nos Estados Unidos a fim de negociar um emprestimo que servirá para a construcção de três fabricas de material bellico. Falando perante o Congresso, declarou que tem propositos de colaborar com o país "amigo" para impedir que haja novo derramamento de sangue.

E' bem possivel que a "lua de mel" dure. Tudo é possivel. Quem sabe se um dia acontece ouvir-se coisas que tenham senso.

*

O terceiro periodo de sessões da O.N.U. foi encerrado sem conseguir qualquer resultado pratico. Grandes questões do momento foram debatidas direta e indiretamente, sem que se encontrassem soluções para nenhuma delas. E' o que se deduz das noticias dos diarios.

Oh, oral E o que queriamos, então? As grandes questões são debatidas para dar importancia á coisa, mas se as soluções forem encontradas é bem possivel que a "mamata" acabe. E daí...

*

Falando perante o seu parlamento, Franco reconheceu ser dificil a situação economica do país.

Será que o Franco também está passando fome?!...

*

Perante as tais "cortes", o mesmo Franco disse textualmente: "A salvação do essencial da civilização catolica, que está ameaçada de ruir, abrir as portas para as realizações sociais existentes pela mudança das nações — é esse o maior desejo do regime espanhol, desde a sua instalação".

E o tem conseguido maravilhosamente, pois é bem raro o dia em que, da maneira mais catolica possivel, não se realizam essas "obras sociais" com a prisão, o espancamento e o fuzilamento de varios operarios espanhois anti-fascistas.

*

Estão fazendo a campanha pelo aumento de produção.

Melhor seria que fizessem a campanha pelo aumento dos vencimentos.

CICLOTRONIO

Um Cromo da Espanha Franquista

Com o intuito de conhecer bem a Espanha, Franco tomou o seu avião particular, levando consigo sua esposa. Ainda não tinha percorrido muito espaço fora de Madrid, quando avistou uma pequena cidade. Assentou o binoculo e pôs-se a olhar. A população, bastante reduzida para o tamanho da cidade, estertorava de fome. Algumas tendas estavam fechadas. Não havia o que comer.

Franco ficou impressionado, e disse á sua esposa: — Veja como está morrendo de fome. Vou lançar-lhes uma nota de mil pesetas. Assim posso salvar, pelo menos, uma familia.

— Não — disse sua esposa. — Nesse caso joga-lhes duas notas de quinhentas pesetas e salvarás duas familias.

E começaram a discutir, apresentando cada qual suas razões. Não chegando a uma conclusão, Franco resolveu interpelar o aviador.

— Estamos discutindo, eu e minha esposa — disse ele — sobre qual seria a solução mais acertada. Aquela população está morrendo a fome; eu resolvi salvar, pelo menos, uma familia, jogando-lhes daqui uma nota de mil pesetas. Minha esposa é de opinião que devo jogar duas de quinhentas pesetas, podendo, assim, salvar duas familias. Qual é o teu parecer?

O aviador, muito depressa, e sem perceber o que estava dizendo, respondeu:

— Atira-te tu de cabeça e salvarás toda a Espanha!...

D. Quixote

LIVROS QUE RECOMENDAMOS

"Proudhon" — (Su vida y su correspondencia) — Casanto Bonyo — edição castelhana ..... Cr$ 35,00

"Malatesta" — (Su vida y su pensamiento) — Luigui Fabbri Cr$ 35,00

"Um torno de uma vida" — Pedro Kropotkine ..... Cr$ 35,00

"Luisa Michel" — (La virgen roja) — Irma Dwyer, enc. Cr$ 45,00

"Teses da existencia e inexistencia de Deus" — Charles Ducias ..... Cr$ 20,00

"As idéias absolutistas do Socialismo" — Rudolf. Rocker Cr$ 15,00

"La historia de la Revolución Francesa" — Pedro Kropotkine ..... Cr$ 25,00

"O que es la Propiedad?" — Proudhon, enc. ..... Cr$ 40,00

"O Anarquismo ao alcance de todos" — José Oiticica ..... Cr$ 12,00

"Sermões da Montanha" — Tomás da Fonseca ..... Cr$ 40,00

Pedidos á Caixa Postal, 5739

SÃO PAULO — CAPITAL